Editorial

Este número temático da Revista Matemática, Ensino e Cultura - intitulado "A tessitura de outras escolas e de escolas outras" - foi elaborado por autores convidadas(os) a partir da chamada *Espero tua re(volta),* a qual fazia alusão ao filme-documentário de título homônimo dirigido por Eliza Capai. Nele, as narrativas e o protagonismo de três estudantes de escolas públicas da Rede Estadual de Educação de São Paulo compõem as perspectivas e as imagens dos movimentos estudantis organizados para *oporem-se a, resistirem a, serem contra, tensionarem, criticarem, refletirem, impedirem* a restruturação de oferta de turmas e matrículas unilateralmente imposta pela Secretaria Estadual de Educação do referido Estado, no ano de 2013. As narrativas-imagens dos estudantes do documentário colocam em suspeição o modelo de escola autoritário, centralizador, homogeneizador, etapista, concorrencial, liberal-meritocrático, excludente, racista, conteudista que, sobretudo, não lhes permite agirem como atores inventivos e críticos de seus próprios processos formativos escolares e do necessário diálogo político problematizador que a escola deveria estabelecer com a vida e com todas as formas de vida que se organizam e vicejam para além de seus próprios muros.

Ocupar as escolas era tomá-las de *volta* pela *revolta.* Assim, o documentário se constituiu como inspiração para a escrita-criação de outras escolas e de escolas outras, a partir da revolta contra o modelo neoliberal de sociedade que se espraia e se enraíza na instituição escolar em diferentes âmbitos: seja através da imposição de um currículo unilateral alheio, de inspiração capitalista eurocêntrica e norte-americana; seja através de uma organização disciplinar fechada em áreas do conhecimento que não se comunicam; seja através da prevalência de persistentes imagens psicologizantes, mentalistas – comportamentalistas ou cognitivistas – e verbalistas dos processos de ensino e de aprendizagem; seja através da imposição, em larga escala, de matrizes avaliativas da aprendizagem escolar que insistem em continuar vendendo a estudantes e a toda a sociedade a ilusão de suporem-se dotadas do poder de medir inequivocamente habilidades e competências de crianças e jovens para fazerem o mesmo em todas as regiões e contextos, seja através do exercício de formas centralizadas e militarizadas de gestão e organização das atividades escolares; seja através do desejo contraditoriamente partidário de atuarem para o estabelecimento legal da escola sem partido, omitindo cinicamente o fato de que a imposição de valores liberais-concorrenciais que movimenta toda a engrenagem da máquina escolar nada mais é senão uma doutrinação em massa nos termos de todas as cartilhas programáticas liberais de todos os partidos liberais; seja na *futurização* das formas de gestão das instituições de ensino superior, compelindo-as a orientarem as suas atividades de pesquisa, docência e extensão na direção e sentido da rota de mão única dos desejos e necessidades do setor privado e das perspectivas do capital financeiro internacional.

É a partir deste cenário que os(as) autores desta edição especial *tomam* de volta para *si* a escola, por meio de escritas-revoltas que criam, inventam, constróem, praticam, devaneiam, *utopizam*, , *freirizam*, *terapizam*, feminizam, indianizam e *negrificam* escolas outras e outras escolas.

Tais escritas-revoltas atuam como rotas de fuga nas dobras, nas práxis, nas fissuras, nas potências e nas utopias reais de praticar a retomada para si de nossas escolas. Esse movimento de ter *a posse* é praticado pelas(os) autoras(es) Carolina Tamayo e Michela da Silva; Oscar Charry e Diana Jaramillo; e Bruna Letícia Viana e João Ricardo Viola dos Santos quando, em suas escritas, assumem as falas *marginais* de estudantes e professores de escolas quilombolas, indígenas, urbanas e rurais do Brasil e da Colômbia, na composição de outras perspectivas de escola e de organização curricular. Esses autores trazem falas outras para se pensar os problemas da escola, entendo-a como uma instituição que deve e precisa ser repensada, abrindo-se às vozes que nela circulam como resistências que criam fissuras em tempos de políticas educacionais de caráter homogeneizante.

Já Fernanda Valim Côrtes Miguel e Igor Amin Ataídes, Andrelize Schabo Ferreira de Assis e Kátia Sebastiana Carvalho dos Santos Farias acionam discursos e movimentos de protagonismos historicamente marginalizados, como os de mulheres e de estudantes, de negros e de negras, ora apresentando debates que ampliaram as discussões de gênero, raça e classe, ora desnaturalizando discursos maquiados como não racistas, propondo abertura da escola para a entrada de problematizações referentes à temática racial e pautando as práticas de revolta em uma *ética hacker*, aquela que se dedica à reprogramação do sistema educativo.

Maria Aparecida Mendes de Oliveira e Jorge Isidro Orjuela Bernal apresentam o epistemicídio e genocídio ocorridos nos processos de escolarização indígena Guarani e Kaiowá e discutem como a escola, mesmo realizando um apagamento de seus regimes de conhecimento, continua sendo por eles vista como um território de tensão-mediação que apresenta conexões com um mundo não indígena, no qual buscam armas políticas de resistência.

Na propositura de escolas outras frente a escolas pautadas pela lógica neoliberal capitalista, ultimamente cerceada em seus aspectos de gestão e autonomia administrativa e curricular, Júlio César Augusto do Valle empreende um regaste memorialista do movimento de reorientação curricular realizada na gestão de Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação do Estado de São Paulo. Nele, a descentralização do poder curricular, a participação popular e a autonomia das escolas antes institucionalizadas, hoje podem ser vistas como rotas de fugas e propositurаs inspiradoras não de *escolas em si*, mas de *escolas para si*.

Sílvio Donizetti de Oliveira Gallo e Alexandrina Monteiro descortinam a escola contemporânea e a agenda neoliberal adotada para ela, mas apresentam elementos que possibilitam romper e abalar o interior do modelo, pela proliferação de novas práticas e de insurgências inventivas de cada professor e estudante nas propositurаs de educações *menores e de outros fazeres escolares.*

Na perspectiva desses novos fazeres, Elizabeth Gomes Souza e Antonio Miguel; e Daniela Montoya Osorio, Ángela María Quiceno e Carolina Tamayo apresentam a realização de práticas formativas não disciplinares que suscitam novas relações éticas entre humanos e outros seres naturais, promotoras de uma reconciliação entre a educação matemática e a paz. Essas escritas-revoltas tomam para si uma possibilidade de escola, vista como lócus de problematização de modos bioeticamente responsáveis de ser e estar no mundo.

Francis Roberta de Jesus discorre sobre as possibilidades de transgressões aos modos de organização disciplinar,, apontando que elas já se constituem no ambiente escolar em formato de acasos, de imprevistos e de clandestinidades. A autora apresenta uma agenda de percursos indisciplinares potencialmente transgressores da obsolescência da instituição escolar em relação aos processos de ensino e de aprendizagem na contemporaneidade.

A escrita de Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues tematiza uma perspectiva de prática formativa coletivamente construída entre professores da rede pública de ensino, estudantes de graduação e professores de ensino superior. Em oposição à política acadêmica de formação de professores que impõe hierarquicamente temas e modos de ensinar *do* campo universitário *para* mera execução pelos professores na escola, a autora nos situa no desafio de tomar também para si as políticas de "formação" de professores.

Os autores, em diálogos com Paulo Freire, Guilles Deleuze, Michel Foucault, Ludwig Wittgenstein, Jacques Derrida, Catherine Walhs, Kabengele Munanga, entre outros, propõem reflexões e debates que possibilitam não somente tensionar e *decolonializar* as formas disciplinares de organização escolar, como também construir caminhos para a tessitura de outras escolas e de escolas outras que tensionam as políticas públicas educacionais hierarquizadas, etapistas, excludentes, racistas, sexistas, movidas por regimes de verdade pautados como únicos, neutros e universais.

Desejamos que as leituras dos artigos que compõem este dossiê especial na tematização da escola no Brasil e na Colômbia, países que comungam os efeitos nefastos do projeto neoliberal de sociedade na instituição escolar, sejam inspiradoras e reflexivas para o enriquecimento e *hackeamento* de nosso trabalho como educadores, para uma educação que se abra ao encontro de novas perspectivas de pesquisa, de novos valores e movimentos, realizando assim uma tessitura sinfônica resistente e resiliente de novas práticas escolares.

Desejamos uma leitura proveitosa e boa reflexão em seus estudos.

Prof. Dr. Antonio Miguel - Universidade Estadual de Campinas.
Profa. Dra. Carolina Tamayo - Universidade Federal de Minas Gerais.
Profa. Dra. Elizabeth Gomes Souza - Universidade Federal do Pará.
Editores deste número